

SIMPÓSIO 48
ABORDAGEM FUNCIONAL NO ENSINO DA LÍNGUA
PORTUGUESA

COORDENADORES

Vania L. R. Dutra
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Universidade Federal Fluminense)

Magda Bahia Schlee
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

COMO CONCEDER EM PORTUGUÊS? – AS ESTRATÉGIAS CONCESSIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Thamara Santos de CASTRO¹

RESUMO

Saber argumentar e persuadir são aspectos fundamentais à interação. Inúmeros são os gêneros textuais que têm como função social a persuasão através de argumentos fortes e consistentes, como os editoriais, os discursos políticos ou mesmo uma simples conversa entre amigos que divergem as opiniões. Com isso, é importante que os interlocutores estejam atentos às estratégias argumentativas que seus locutores utilizam para que haja sintonia entre os interagentes e que não haja ruídos na comunicação. Uma dessas estratégias de argumentação é a concessão. As estruturas concessivas são bem aceitas entre os falantes, pois não rejeitam, à primeira vista, a opinião do outro. Ou seja, a produção de construções concessivas é uma forma de rejeição à opinião do locutor, concedendo-lhe razão, sendo, portanto, uma opção que o usuário da língua possui no momento em que deseja expressar seu posicionamento contrário àquele já exposto. Assim, para que o aluno desenvolva competência linguística nos diferentes registros, é necessário que ele seja apresentado a outras estruturas concessivas possíveis da língua. Enfim, seguindo uma abordagem sistêmico-funcional, que se caracteriza por descrever a língua em situações reais de uso, o tema deste trabalho está relacionado a essas opções a que os usuários têm acesso e que, geralmente, não são encontradas nos manuais gramaticais, apesar de serem usadas pelos falantes. Dessa forma, o principal objetivo deste trabalho é apresentar algumas estruturas concessivas que vão além do que a gramática normativa prescreve, observando como o falante brasileiro refuta a opinião alheia através da concessão.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de língua portuguesa; construções concessivas; Linguística Sistêmico-funcional.

Introdução

Muitos gêneros textuais têm como função social a persuasão por meio de argumentos que convençam o leitor de uma tese, como os editoriais e os artigos de opinião. Com isso, é importante que os interlocutores estejam atentos às estratégias

1 (UFF / UERJ), Instituto de Letras. Estrada Rodrigues Caldas, 2055, bloco 09, apartamento 205 / Taquara. CEP: 22713-374 - Rio de Janeiro / RJ - Brasil. castro.thamara@yahoo.com.br.

argumentativas que seus locutores utilizam para que haja sintonia entre os interagentes e para que não haja ruídos na comunicação.

Uma dessas estratégias de argumentação é a concessão. As estruturas concessivas são bem aceitas entre os falantes, pois não rejeitam imediatamente a opinião do outro. Há uma tomada de posição por parte do interlocutor a partir de algo já mencionado pelo locutor. De acordo com Gouvêa (2002), na interação a seguir:

E1: O tempo está bom hoje [logo você deve sair].

L: Embora o tempo esteja bom hoje (E1), estou cansado (E2) [logo não devo sair].

O locutor faz surgir uma outra voz que não a sua e cuja legitimidade ele reconhece, concedendo-lhe, portanto, razão. Ele reconhece que o fato de o tempo estar bom é “uma boa razão para sair” (tese de E1), entretanto apresenta um motivo mais forte ainda “para não sair” (tese de E2), que é o fato de estar cansado. [grifos do autor]

Ou seja, a produção de construções concessivas é uma forma de rejeição à opinião do locutor, concedendo-lhe razão, sendo, portanto, uma opção que o usuário da língua possui no momento em que deseja expressar seu posicionamento contrário àquele já exposto. Assim, para que o aluno amplie sua competência linguística nos diferentes registros, é necessário que ele seja apresentado a outras estruturas concessivas possíveis da língua.

Enfim, seguindo uma abordagem sistêmico-funcional, que se caracteriza por descrever a língua em situações reais de uso, o tema deste trabalho está relacionado a essas opções a que os usuários têm acesso e que, geralmente, não são encontradas nos manuais gramaticais, apesar de serem usadas pelos falantes. Dessa forma, o principal objetivo deste trabalho é apresentar algumas estruturas concessivas que vão além do que a gramática normativa prescreve, observando como o brasileiro refuta a opinião alheia por meio da concessão.

Assim, é preciso que o aluno tenha acesso às diversas possibilidades lexicogramaticais para que a escolha seja adequada aos contextos cultural e situacional de interação, para conceder de forma adequada à situação comunicativa.

Fundamentação teórica

Esta sessão tratará da base teórica que fundamenta a pesquisa e de conceitos que ajudarão na análise do *corpus*. Como fundamentação teórica, utilizaremos a Teoria Funcionalista da Linguagem (Neves, 1997) e a Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994; Gouveia, 2009).

A teoria funcionalista da linguagem

A teoria funcionalista da linguagem aparece em meados do século XX como uma forma de reação aos estudos formalistas desenvolvidos até então. Existem diferentes modelos de funcionalismo, apesar disso todos têm uma base em comum, que é o fato de considerarem a língua como algo indissociável do meio externo, levando em conta todos os aspectos relacionados à situação comunicativa.

Na perspectiva funcionalista, porém, não se considera que uma descrição da estrutura da sentença seja suficiente para determinar o som e o significado da expressão linguística, entendendo-se que a descrição completa precisa incluir referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e seu estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente. (Neves, 1997:23)

A partir disso, pode-se perceber que, para o paradigma funcionalista, a língua não é um fenômeno autônomo e isolado, mas sim um fenômeno que só existe em situações reais de comunicação, ou seja, ela é um instrumento de interação social cuja principal função é estabelecer comunicação entre os usuários. “Na verdade, a gramática funcional tem sempre em consideração o uso das expressões linguísticas na interação verbal, o que pressupõe uma certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico.” (Neves, 1997:16)

Dentro dessa perspectiva, a pragmática torna-se o elemento que abrange a semântica e a sintaxe; neste sistema, a sintaxe serve de instrumento à semântica, que serve de instrumento à pragmática, não havendo lugar para uma sintaxe autônoma, como defende o paradigma formalista.

Isso implica outro aspecto do modelo funcionalista: as gramáticas funcionais são paradigmáticas, ou seja, interpretam a língua como uma rede de relações e as estruturas são a realização dessas relações. Nas palavras de Halliday, “em uma gramática funcional (...) uma língua é interpretada como um sistema de significados, acompanhados de formas através das quais os significados podem ser realizados.” (Halliday, 1994, xiv.) [tradução livre].²

Assim, o paradigma funcional surge como uma alternativa para se aliar contexto social à estrutura gramatical, o que foi ignorado pelo paradigma formalista, que tomava o sistema linguístico como algo autônomo e isolado de fatores externos.

A linguística sistêmico-funcional

A linguística sistêmico-funcional (LSF) foi desenvolvida em meados do século XX por estudiosos das Universidades de Sydney e Macquarie, na Austrália (Gouveia, 2009), sendo seu principal representante Michael Alexander Kirkwood Halliday. Halliday questionava-se sobre a natureza da língua e acreditava que “A natureza da língua está intimamente relacionada com as necessidades que lhe impomos, com as funções que deve servir” e que “(...) todos nós usamos a língua como um meio de organizarmos outras pessoas e determinarmos os seus comportamentos.” (Gouveia, 2009:14).

Nas palavras de Gouveia (2009:14):

A Linguística Sistêmico-Funcional (...) corresponde a uma teoria geral do funcionamento da linguagem humana, concebida a partir de uma abordagem descritiva baseada no uso linguístico. Em concreto, trata-se de uma teoria de descrição gramatical, uma construção teórico-descritiva coerente que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso. Mas, para além de ser uma teoria de descrição gramatical, razão pela qual adquire muitas vezes a designação mais restrita de Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), ela fornece também instrumentos de descrição, uma técnica e uma metalinguagem que são úteis para a análise de textos, (...).

² “In a functional grammar, (...) A language is interpreted as a system of meanings, accompanied by forms through which the meanings can be realized.” (Halliday, 1994)

Ou seja, a LSF é uma teoria que estuda a linguagem em uso, por isso pode-se dizer que é uma teoria exotrópica, pois extrapola os limites do objeto de estudo, considerando o contexto em que está inserido, partindo do princípio de que o sistema linguístico é aberto e dinâmico.

Além disso, a palavra **sistêmica** está relacionada ao fato de a língua ser um sistema de possibilidades que podem ser usadas pelos falantes. A partir dos significados que o usuário quer expressar, ele determina suas escolhas, o que mostra que a LSF tem base paradigmática. “A consideração do sistêmico implica a consideração de escolhas entre os termos do paradigma, sob a ideia de que escolha produz significado.” (Neves, 1997:60).

“Sistema” é usado no sentido firthiano de paradigma funcional, mas é desenvolvido no construto formal de uma rede sistêmica, o que configura uma teoria da língua enquanto escolha. À interpretação funcionalista da linguística se acopla uma descrição sistêmica, na qual a gramática toma a forma de uma série de estruturas sistêmicas, cada estrutura representando as escolhas associadas com um tipo de constituinte. (Halliday, 1967:37, *Apud* Neves, 1997:59)

Com essa “rede de escolhas”, a língua se organiza para cumprir sua função³ essencial, que é a interação social. Entretanto, para além dessa função, a linguagem ainda desempenha três funções fundamentais: expressar conteúdo, dando conta da experiência de mundo; estabelecer e manter relações sociais; e estabelecer relações entre as partes do enunciado e a situação em que estão inseridas (Gouveia, 2009). Essas funções são chamadas respectivamente de: ideacional, interpessoal e textual, que, na literatura da LSF, são denominadas **metafunções**, como explica Halliday (2004:31):

(...) toda a arquitectura da linguagem se organiza em linhas funcionais. A linguagem é como é por causa das funções em que se desenvolveu na espécie humana. O termo 'metafunção' foi adoptado para sugerir que função é um componente nuclear na totalidade da teoria. (*Apud* Gouveia, 2009:17) [grifo do autor]

3 “(...) função vai ser interpretada não somente como o uso da língua, mas também como uma propriedade fundamental da linguagem em si, algo que é básico para a evolução do sistema semântico” (Halliday, 1989:17) [tradução livre].

Halliday analisa a oração⁴ em três instâncias que se relacionam diretamente com as três metafunções; são elas: oração como mensagem (metafunção textual), oração como troca (metafunção interpessoal) e oração como representação (metafunção ideacional). As orações e as funções que elas exercem são influenciadas principalmente por três noções que são fundamentais à LSF: contexto, gênero e registro, que serão abordadas na próxima sessão.

Contexto, gênero e registro

Para a LSF, a noção de contexto é muito importante já que considera o sistema linguístico aberto, isto é, em constante relação entre si e com o mundo externo, diferente da concepção formalista de sistema fechado e autônomo.

Assim, torna-se fundamental atentar-se ao fato de que a abordagem feita pela LSF é topo-base (*top down*), pois parte do contexto para chegar ao texto e à oração. Isso quer dizer que o aspecto contextual é realizado pelo conteúdo por meio da lexicogramática.

Halliday aponta dois contextos principais: o cultural e o situacional. O primeiro engloba o segundo, onde está contido o texto. Ao contexto cultural pertencem todos os aspectos históricos, sociais, políticos de uma sociedade. Já o situacional refere-se ao momento em que o texto é produzido. Dessa forma, os significados que queremos “fazer” ou transmitir, a partir do contexto em que a interação está inserida, ajudam a configurar os recursos linguísticos.

Ou seja, a relação entre a língua e os seus contextos de uso, ou dito de outra forma, a relação entre um texto e o seu contexto, é de tal forma motivada que, a partir de um contexto, será possível prever os significados que serão activados e as características linguísticas potenciais mais previsíveis para as codificar em texto. Da mesma forma, dado um texto, será possível deduzir o contexto em que o mesmo foi produzido, porquanto as características linguísticas seleccionadas num texto codificarão dimensões contextuais, tanto do contexto de produção imediato, situacional – quem diz o quê, a quem, por

4 “unidade principal de processamento da lexicogramática, porque é nela que os significados são mapeados numa estrutura gramatical integrada.” (Halliday, 2004:10, *Apud*, Gouveia, 2009:20)

exemplo – como do contexto mais geral, cultural – que tarefa está o texto a desempenhar na cultura. (Gouveia, 2009:25-26)

Esses níveis contextuais cultural e situacional relacionam-se às noções de gênero e registro, respectivamente. O gênero e o registro são duas dimensões de variação entre os textos; eles permitem identificar como e por que os textos são diferentes.

Os gêneros estão relacionados às atividades culturais desenvolvidas em determinada sociedade; cada gênero possui um objetivo diferente, o que faz com que os interlocutores se apropriem da linguagem como forma de atingi-lo. “Os gêneros são modos diferentes de usar a língua para realizar tarefas culturalmente estabelecidas também diferentes (...)” (Gouveia, 2009:28).

É interessante acrescentar a essa noção de propósito ou finalidade do gênero a noção de registro, que está ligado, como já foi dito, ao contexto situacional. Isto significa dizer que o registro é a variação que ocorre de acordo com o uso, ou seja, utilizar certas estruturas dependerá do contexto em que está inserido determinado texto.

O registro é caracterizado por três dimensões: o campo (*field*), as relações (*tenor*) e o modo (*mode*); estas dimensões estão associadas às três metafunções (ideacional, interpessoal e textual). O campo é a variável relativa à codificação da experiência, determinando os significados ideacionais; a variável relações está ligada aos participantes da interação, determinando os significados interpessoais; e o modo é a variável que configura como a linguagem funciona, determinando os significados textuais.

Todos esses níveis influenciarão na escolha do usuário por uma e não outra estrutura linguística, o que faz com que cada alteração represente um valor semântico diferente, mostrando que tal alteração foi motivada por algum desses fatores tidos como “extralinguísticos”.

Na próxima sessão, apresentaremos uma análise de algumas estruturas concessivas em relação à construção da argumentação de um artigo de opinião à luz da Linguística Sistêmico-Funcional.

As construções concessivas em análise

Analisando o artigo de opinião escrito pelo jornalista Guilherme Fiuza, observamos que sua tese é defendida por uma série de ironias que vão sendo construídas ao longo do texto. A começar pelo título ***Petrolão para todos***, temos uma amostra do que será defendido no texto. O autor, ironicamente, constrói sua tese de que os brasileiros que votam pela reeleição da presidente pensam que receberão alguma parte do dinheiro desviado dos royalties do petróleo. Essa tese é reafirmada no subtítulo do artigo: ***Se o esquema irrigou tantos companheiros nos últimos 12 anos, imagine no pré-sal. Ninguém mais vai precisar trabalhar.***

A noção de concessão aparece de diferentes formas neste artigo. Como, para o jornalista, é inacreditável a reeleição da presidente, ele apresenta diversos argumentos que levam o leitor a crer que sua tese, apesar de absurda, é a única maneira de se entender o cenário político brasileiro.

Primeiramente, a concessão aparece textualmente representada por uma estrutura tradicionalmente classificada como proporcional:

1. ***Quanto mais** apodrece o escândalo da Petrobras, **mais** Dilma se recupera nas pesquisas. Será que o eleitor está querendo virar sócio do petrolão?*

A ideia da proporcionalidade é importante para garantir o tom de absurdo e de improbabilidade que se estabelece entre as duas orações. Entretanto, não se pode negar que a concessão perpassa esse enunciado pela tese irônica que é defendida no texto, que é reafirmada pela pergunta retórica que finaliza o trecho destacado: *Será que o eleitor está querendo virar sócio do petrolão?*

O autor utiliza elementos lexicogramaticais para representar a proporção, porém o contexto de produção, influenciado pelos contextos cultural e situacional, apresenta ao leitor a ideia da concessão, o que fortalece a tese defendida pelo jornalista. Como mencionam Fuzer & Cabral (2014:27):

O texto carrega aspectos do contexto em que foi produzido, dentro do qual seria, provavelmente, considerado apropriado. Texto e contexto estão inter-relacionados, de modo que o texto reflete influências do contexto em que é produzido (...). Ao mesmo tempo em que as dimensões contextuais delimitam e influenciam o que é dito e como é dito, a intenção com que é dito, os papéis

sociais assumidos pelos interactantes, dentre outros aspectos, também a forma como o texto está construído permite deduzirmos o contexto de sua produção.

Esse exemplo nos mostra que a relação de concessão pode aparecer representada por diferentes formas lexicogramaticais, não sendo necessária a utilização das conjunções ou locuções conjuntivas apresentadas nas gramáticas tradicionais como concessivas. O caminho discursivo traçado pelo autor do texto leva o leitor a perceber a noção da adversidade ou da concessão em vários momentos. Somente em um enunciado apresenta-se uma locução tradicionalmente classificada como concessiva:

2. *Apesar da folha corrida do PT na arte de montar dossiês e traficar informações sobre adversários, o Brasil deixou por isso mesmo.*

Nesse enunciado, podemos observar claramente a divisão do complexo oracional em Tema e Rema. Segundo Halliday (2004:64):

O Tema é o elemento que serve de ponto de partida da mensagem; é o que localiza e orienta a oração dentro de seu contexto. O restante da mensagem, a parte em que o Tema é desenvolvido, é chamado pela terminologia da Escola de Praga de Rema. [tradução livre]⁵

O Tema desse enunciado é formado por uma oração concessiva, que traz em seu conteúdo um referencial cultural exofórico, pois, quando o autor utiliza a expressão *folha corrida*, ele se refere a casos de corrupção ocorridos no passado, os quais não são citados no texto, mas fazem parte do contexto cultural brasileiro, compartilhado com seu leitor. Como afirma Koch (2014:32)

(...) a língua não existe fora dos sujeitos sociais que a falam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes quer de ordem linguística, quer de ordem sociocognitiva, ou seja, seus modelos de mundo. Estes, todavia, não são estáticos, (re)constróem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que, no momento em que se passa

5 (...) The Theme is the element which serves as point of departure of the message; it is that which locates and orients the clause within its context. The remainder of the message, the part in which the Theme is developed, is called in Prague school terminology the Rheme.

da língua ao discurso, torna-se necessário mobilizar conhecimentos – socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos –, bem como situar-se dentro das contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos.

O próximo enunciado apresenta outra forma de construir uma concessão: por meio de um sintagma adverbial:

3. *Apontou duas outras diretorias da Petrobras como centrais da trama, dando os nomes dos seus titulares — indicados, que surpresa, pela cúpula do PT. Isso em plena corrida presidencial. Então a candidata petista está ferida de morte, concluiria um marciano recém-chegado à Terra. Não, senhor marciano: **após o vazamento da delação**, a candidata do PT subiu nas pesquisas.*

Nesse trecho, o sintagma adverbial circunstancial de tempo carrega a noção de concessão devido ao contexto que se apresenta anteriormente, que é retomado por duas metáforas gramaticais: **vazamento** e **delação**. Segundo Sardinha (2007):

Metáfora gramatical é um termo usado na linguística sistêmico-funcional em referência ao uso de um recurso gramatical para exprimir uma função que não lhe é intrínseca. Por exemplo, quando usamos um substantivo no lugar de um verbo, (...), temos aí uma metáfora gramatical, pois a função direta ou ‘original’ do verbo (designar ações) passou a ser desempenhada por um substantivo (cujas funções ‘original’ ou primeira pode ser entendida como dar nome a coisas ou seres) (...). [grifos do autor] (p. 45)

No enunciado citado, o jornalista utilizou duas nominalizações, transformando os verbos, *vazar* e *delatar* respectivamente, em nomes para referir-se ao contexto anteriormente mencionado. Em ambos os casos, tanto a oração concessiva (enunciado 2) quanto o sintagma adverbial (enunciado 3) funcionam como Tema da mensagem, entretanto, diferentemente do que acontece em 2 - em que o autor utiliza a referência para retomar um contexto cultural compartilhado com o leitor - no enunciado 3, o jornalista utiliza a metáfora gramatical como recurso linguístico para remeter-se ao próprio contexto de produção, a algo que está informado no texto.

Ainda há um enunciado em que a noção de concessão liga semanticamente dois períodos.

4. *A exemplo do mensalão, já se sabe que o petrolão contemplava a base aliada do governo popular. E quase 40% dos brasileiros estão dizendo que votarão exatamente na candidata desse governo lambuzado de petróleo roubado.*

Sintaticamente, os períodos estão ligados pela conjunção aditiva *E*, no entanto, semanticamente, o conteúdo expresso no primeiro período (*A exemplo do mensalão, já se sabe que o petrolão contemplava a base aliada do governo popular*) encerra a ideia de concessão quando seguido pela informação apresentada no período seguinte (*E quase 40% dos brasileiros estão dizendo que votarão exatamente na candidata desse governo lambuzado de petróleo roubado.*). Pode-se perceber que, no exemplo 4, a conjunção *E* marca uma relação de *extensão* com o conteúdo do período anterior e, apesar de ser tradicionalmente classificada como aditiva, nesse enunciado, introduz a noção da adversidade originada do contexto situacional apresentado.

Além disso, a disposição dos períodos faz com que se nivele a ênfase dada a ambos os conteúdos, o que não ocorreria caso o autor optasse por uma construção subordinada, pois, “quando grupos e sentenças são ligadas por meio da parataxe, é-lhes dado um mesmo status” (Halliday, 2004:489).

Essa análise nos leva a crer que:

As relações conjuntivas não são lógicas, mas sim textuais; elas representam os tipos gerais de conexões que nós reconhecemos como instrumentos de ligação entre orações. O que essas conexões são depende, como último recurso, dos significados que as orações expressam, e essencialmente esses são de dois tipos: experienciais, representando a interpretação linguística da experiência, e interpessoais, representando a participação na situação discursiva. (Halliday & Hasan, 2013:238) [tradução livre]⁶

Enfim, por meio dos exemplos apresentados, podemos perceber que há inúmeras estruturas linguísticas disponíveis ao usuário para que ele possa produzir e compreender um texto de forma adequada. O aluno deve entender o sistema linguístico como um meio para ele produzir textos que atendam aos seus objetivos e para ele tornar-se um leitor eficiente.

⁶ The conjunctive relations are not logical but textual; they represent the generalized types of connection that we recognize as holding between sentences. What these connections are depends in the last resort on the meanings that sentences express, and essentially these are of two kinds: experiential, representing the linguistic interpretation of experience, and interpersonal, representing participation in the speech situation.

Considerações finais

Neste trabalho, pudemos observar como o processo argumentativo e persuasivo pode ser construído por meio de estruturas concessivas sem a utilização das locuções ou conjunções prescritas pelas gramáticas tradicionais. Concordamos com Halliday quando ele:

(...) recusa as descrições meramente estruturais até então dominantes em linguística, elegendo o uso como marca fundamental de caracterização de uma língua e, conseqüentemente, da sua descrição. Nesse sentido, propõe [Halliday] que se olhe tanto para o sistema da língua como para as suas funções em simultâneo, a partir do princípio fundamental de que a forma particular assumida pelo sistema gramatical de uma língua está intimamente relacionada com as necessidades sociais e pessoais que a língua é chamada a servir. (Halliday, 1970:142, *Apud* Gouveia, 2009:15)

Primeiramente, apresentamos nossa fundamentação teórica baseada na Linguística Sistêmico-Funcional de Michael Halliday, mencionando alguns conceitos importantes à nossa pesquisa, como o de *metafunções* e os de *contexto*, *gênero* e *registro*.

Posteriormente, analisamos um artigo de opinião publicado em um jornal *online* em que observamos as diferentes estruturas concessivas utilizadas pelo autor para defender sua tese, o que contribui para sua argumentação e para o caminho persuasivo que será trilhado pelo leitor.

Essas diferentes estratégias utilizadas pelo escritor podem ajudar o leitor a compreender de forma adequada a tese defendida e a percepção dessas estratégias pelos alunos da Escola Básica contribui para o aprimoramento de sua leitura e de sua própria produção textual, ampliando seus conhecimentos acerca da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dutra, Vania L. R. 2007. *Relações conjuntivas causais no texto argumentativo*. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UERJ.

Gouvêa, L. H. M. 2002. *Perspectivas argumentativas pela concessão em sentenças judiciais*. 2002. 280 fl. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) Setor de Língua Portuguesa, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

Gouveia, Carlos A. 2009. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun.

_____. 2009. Escrita e ensino: para além da gramática, com a gramática. *Delta*, Rio de Janeiro, v. 25: especial, out.

Halliday, Michael. A. K. 2002. *An introduction to functional Grammar*. 2ª ed. London: Edward Arnold.

Halliday, M. A. K & Hasan, R. 2013. *Cohesion in English*. London: Longman.

_____. 1989. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press.

Koch, Ingedore Villaça. 2014. *As tramas do texto*. 2ª ed. São Paulo: Contexto.

Neves, Maria Helena de Moura. 1997. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.

Sardinha, Tony Berber. 2007. *Metáfora*. São Paulo: Parábola.

Anexo

PETROLÃO PARA TODOS

Se o esquema irrigou tantos companheiros nos últimos 12 anos, imagine no pré-sal. Ninguém mais vai precisar trabalhar

Dilma sobe nas pesquisas, a bolsa despencou, e lá vêm os gigolôs da bondade denunciar a trama capitalista contra o governo do povo. Mas o que dizer então da bolsa eleitoral? Quanto mais apodrece o escândalo da Petrobras, mais Dilma se recupera nas pesquisas. Será que o eleitor está querendo virar sócio do petrolão?

Só pode ser. O espetáculo da orgia na maior empresa brasileira chegou ao auge com a delação premiada do ex-diretor Paulo Roberto Costa. Em ação raríssima entre os oprimidos profissionais, o réu decidiu abrir o bico. Talvez tenha aprendido com a maldição de Valério — que demorou a soltar a língua, e de repente a quadrilha (desculpe, ministro Barroso) já estava em cana. E seu silêncio não valia mais nada. Diferentemente do operador do mensalão, o despachante do petrolão não quer mofar. E saiu entregando os comparsas.

Apontou duas outras diretorias da Petrobras como centrais da trama, dando os nomes dos seus titulares — indicados, que surpresa, pela cúpula do PT. Isso em plena corrida presidencial. Então a candidata petista está ferida de morte, concluiria um marciano recém-chegado à Terra. Não, senhor marciano: após o vazamento da delação, a candidata do PT subiu nas pesquisas.

Ora, não resta outra conclusão possível: o eleitor quer entrar na farra do petrolão. Está vendo quantos aliados de Dilma encheram os bolsos com o duto aberto na Petrobras, e deve estar achando que alguma hora vai sobrar um qualquer para ele. É compreensível. Se o esquema irrigou tantos companheiros nos últimos 12 anos, imagine quando a prospecção chegar ao pré-sal. Ninguém mais vai precisar trabalhar (a não ser os reacionários que não cultivarem as relações certas).

É o show da brasilidade. O operador do petrolão é colocado no cargo no segundo ano do governo Lula, indicado por um amigo do rei já lambuzado pelo mensalão. No tal cargo — a Diretoria de Abastecimento da Petrobras —, ele centraliza um esquema bilionário de corrupção, que floresce viçoso à sombra de três mandatos petistas. A exemplo do mensalão, já se sabe que o petrolão contemplava a base aliada do governo popular. E quase 40% dos brasileiros estão dizendo que votarão exatamente na candidata desse governo lambuzado de petróleo roubado.

Mas os progressistas continuam sentenciando, triunfais: o Brasil jamais será o mesmo depois das manifestações de junho de 2013. Nesse Brasil revolucionário, cheio de cidadãos incendiados de bravura cívica, a CPI da Petrobras, coitada, agoniza em praça pública. Sobrevive a cada semana, a duras penas, com mais um par de manchetes da imprensa burguesa e golpista, que insiste em sabotar o programa do PT (Petrolão para Todos). Tudo em vão. Com uma opinião pública dessas, talvez os companheiros possam até desistir do seu plano chavista de controle da imprensa: o assalto à Petrobras não faz nem cócegas no cenário eleitoral. Contando, ninguém acredita.

O marciano está tonto. Pergunta, angustiado, que fim levou o escândalo da Wikipédia. Tinham dito a ele que dois jornalistas influentes — da teimosa parcela dos que não se venderam ao governo popular — tiveram seus perfis adulterados com graves difamações, e que isso fora feito de dentro do Palácio do Planalto. Agora informam-no que o selvagem da Wikipédia, outra surpresa, é filiado ao PT. E funcionário do Ministério das Relações Institucionais de Dilma. O inocente ser de Marte pergunta, já com falta de ar, o que a presidente da República está fazendo para provar que o espião não está seguindo diretrizes da cúpula do governo.

A resposta faz o marciano desmaiar: nada. Dilma Rousseff não precisou fazer absolutamente nada para provar que o criminoso palaciano não seguiu ordens superiores. Apesar da folha corrida do PT na arte de montar dossiês e traficar informações sobre adversários, o Brasil deixou por isso mesmo. Como também tinha deixado a combinação de perguntas e respostas na CPI da Petrobras, com participação do mesmo Ministério das Relações Institucionais. Nem uma passeata, nem uma ruazinha fechada, nem um cartaz, nem uma queixa no Twitter. Os brasileiros abençoaram a guerra suja do PT para ficar no poder.

O Brasil está louco para virar Argentina. Assistiu chupando dedo à tentativa de golpe no IBGE, com a tentativa de interrupção da pesquisa de emprego. Agora o mesmo IBGE, de forma inédita, apresenta seus indicadores anuais e desmente os dados no dia seguinte. Como até o marciano sabe, a companheira Kirchner adestrou o IBGE de lá, que passou a fazer música para os ouvidos do governo. O PT segue firme nessa escola, com sua já famosa maquiagem contábil, que acaba de raspar o Fundo Soberano para ajudar a fechar a conta da farra.

O eleitor está certo: vamos reeleger Dilma. Assim chegará o dia em que não apenas a elite vermelha, mas todo brasileiro terá direito à propina própria. Chega de desigualdade.

Guilherme Fiuza é jornalista

A HIBRIDIZAÇÃO DOS SUBSISTEMAS ATITUDE E GRADAÇÃO NO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Angelane Faustino FIRMO⁷
Mônica de Souza SERAFIM⁸

RESUMO

O estudo aqui proposto se baseia no modelo de análise desenvolvido por Martin e White (2005), intitulado de Teoria da Avaliatividade. Segundo esse modelo de análise, é possível encontrarmos marcas das emoções, das ideologias e dos julgamentos do autor nos enunciados por ele produzidos. Martin e White (2005) propõem a divisão do modelo avaliativo em três subsistemas, a saber, Atitude, Gradação e Engajamento. Para este trabalho, deter-nos-emos nos dois primeiros subsistemas. Sendo assim, esta pesquisa tem por objetivo analisar a hibridização dos subsistemas Atitude e Gradação no gênero Memórias Literárias produzido por alunos de escolas públicas brasileiras. Além da base teórica apresentada anteriormente, nosso estudo se embasará na noção de dialogismo e de potencial significativo da língua de Bakhtin (2009); na noção de língua e significado de Halliday e Matthiessen (2006); na gramática funcional descrita por Halliday (2004) e na conceituação de emoção de Charaudeau (2011). Nosso objeto de estudo são 30 textos finalistas das Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, do ano de 2010, pertencentes ao gênero Memórias Literárias e selecionados diretamente do portal do referido programa. Os resultados nos revelaram que quanto mais descritivo é o relato das vivências do narrador, mais marcas atitudinais e graduais podem ser encontradas no gênero. Tal resultado nos mostra a importância dessas marcas para a construção de sentido e para a caracterização deste gênero textual, ajudando, por exemplo, no compartilhamento da emoção do narrador do gênero Memórias Literárias com o seu leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias Literárias; Teoria da Avaliatividade; Gramática Sistêmico-funcional; Produção escrita.

7 Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Ceará e professora da rede pública estadual do Ceará. Universidade Federal do Ceará (UFC), Departamento do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Av. da Universidade, 2683, BL. 125, 1º andar, Campus do Benfica, CEP: 60.020-181, Fortaleza-Ceará, Brasil. E-mail: angelanefaustino@hotmail.com

8 Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. E-mail: mserafim15@gmail.com

1. Introdução

A Teoria da Avaliatividade, como ficou conhecida no Brasil, pode ser considerada um modelo de análise da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) mais do que uma teoria propriamente dita. Afirmamos ser um modelo de análise, pois os seus criadores, James Robert Martin, Peter White e David Rose elaboraram e continuam aprimorando um complexo sistema avaliativo aplicável às estruturas lexicais ou gramaticais que trazem marcas valorativas em suas escolhas. Martin e White, adotando uma perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional, desenvolveram seus estudos no âmbito da avaliação e das perspectivas textuais. Segundo esses autores, todo falante/escritor utilizaria os mais diversos e diferentes recursos léxico-gramaticais para expressar sentimentos, julgamentos, posicionamentos ou até outras vozes textuais nos enunciados produzidos. O sistema da avaliatividade é constituído por três subsistemas: Atitude, Gradação e Engajamento. Cada um desses subsistemas se subdivide em outras inúmeras subcategorias.

Vários trabalhos utilizam o arcabouço teórico da Teoria da Avaliatividade na análise das manifestações avaliativas em língua portuguesa, dentre eles podemos destacar os trabalhos de Cabral (2007), Weber (2007), Sobhie (2008), Jornada (2009) e Cruz (2012). Em geral, esses estudos se fundamentam na nomeação, organização ou encaixotamento de um recurso linguístico dentro do sistema avaliativo, ou seja, eles buscam auxiliar na construção de uma taxonomia avaliativa. Esses estudos analisam especificamente um único subsistema avaliativo, visto a gama de possibilidades de realização de cada subsistema e as implicações semânticas de seu uso. No entanto, é clara a intenção dos estudiosos em analisar quais as implicações das escolhas avaliativas feitas pelo enunciador para as imagens construídas ao longo do texto, visto que a Teoria da Avaliatividade está relacionada com a Semântica.

Levando isso em consideração, julgamos importante abordar um ponto ainda não explorado que é o caso da possibilidade de existência da hibridização entre pelo menos dois subsistemas avaliativos, uma vez que os subsistemas costumam ser vistos de forma isolada e nunca fundidos. Este artigo, na verdade, é uma síntese das ideias defendidas em Firmo (2014), portanto, nas poucas linhas desse artigo, será apresentado de forma geral e concisa a hibridização dos subsistemas Atitude e Gradação.

A ideia de hibridização, por nós defendida, surge das leituras de Martin e White (2005) e de Martin e Rose (2007), além dos trabalhos supracitados sobre a

Avaliatividade em língua portuguesa. Após a leitura desse material, percebemos que é possível a hibridização dos subsistemas Atitude e Gradação através de itens lexicais, quer dizer, da lexicalização. Acreditando no potencial significativo da palavra, afirmamos que um único item lexical pode expressar ao mesmo tempo emoções ou atitudes maximizadas ou reduzidas. Os próprios autores da teoria valorativa, Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007), tratam da questão dos híbridos entre as subcategorias Apreciação e Julgamento, mas não se referem ao hibridismo entre os subsistemas Atitude e Gradação, por isso a importância do desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao defendermos a ideia de hibridização de subsistemas avaliativos e sabendo que a Teoria Avaliativa está diretamente ligada à semântica, temos como objetivos específicos: analisar os recursos linguísticos pelos quais ocorre a hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação e averiguar as implicações semânticas e estruturais da escolha de uma forma avaliativa híbrida na escrita do gênero Memórias Literárias. Para alcançarmos nossos objetivos fazemos a seguinte indagação: Como se realiza linguisticamente a hibridização dos subsistemas Atitude e Gradação nas valorações presentes nas Memórias Literárias analisadas? O que influencia o escritor a escolher, dentre uma lista de recursos avaliativos, um híbrido e qual a sua intenção?

O *corpus* analisado é uma amostra constituída por 30 textos pertencentes ao gênero Memórias Literárias e coletada da coletânea de textos finalistas da *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro* em sua 2ª edição, no ano de 2010. Escolhemos esse gênero por acreditamos que ele favorece a um maior posicionamento avaliativo do autor no texto, já que se trata de um gênero marcado por um conteúdo íntimo e sentimental, por uma linguagem criativa e, portanto, fecunda para a manifestação do hibridismo dos subsistemas Atitude e Gradação.

A base teórica para o estudo aqui apresentado é a noção de dialogismo e de potencial significativo da língua de Bakhtin (2009); a noção de língua e significado de Halliday e Matthiessen (2006); a gramática funcional descrita por Halliday (2004); a conceituação de emoção de Charaudeau (2011) e o estudo avaliativo da Teoria da Avaliatividade de Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007).

2. O potencial significativo da linguagem

A língua não pode ser vista somente desde uma perspectiva formalista como um conjunto de signos ordenados segundo regras gramaticais. A língua é um produto social, fruto da interação comunicativa sendo, portanto, carregada de significados, que são formados a partir de cada contexto comunicativo e de cada intenção do enunciador.

Utilizamos a concepção de potencial significativo da linguagem, segundo o pensamento de Bakhtin (2009; 2011) e de Halliday (2004), no desenvolvimento do nosso trabalho porque acreditamos que um item lexical pode conter nuances significativas diferentes de acordo com o seu contexto de uso e com quem está utilizando-o. Dessa forma, damos destaque para o estudo do item lexical e de todo o seu potencial significativo. Partimos do estudo da palavra por acreditarmos que a hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação ocorre, principalmente, por meio do léxico, pois uma única palavra pode apresentar, simultaneamente, marcas de valoração ou de emoção assim como aumentar ou reduzir essas marcas.

Na concepção bakhtiniana, a palavra é a ponte de ligação entre o “eu” e o “outro”, é pela palavra que se chega ao outro e que o outro se chega a mim. A palavra é o elemento pelo qual se estabelece o contato entre o conteúdo interior do sujeito (a consciência), formado por palavras, e o mundo exterior também construído por palavras. O mundo do sujeito é elaborado a partir do encontro das palavras da consciência com as palavras que lhe circulam no mundo exterior. Bakhtin (2009) define a palavra através da sua pureza semiótica, quer dizer, a palavra pode circular nas mais diferentes esferas ideológicas. Dessa forma, Bakhtin entende a palavra como um signo ideológico vivo já que pode acumular valores sociais.

O autor também define a palavra através da sua neutralidade, isso não implica dizer que a palavra, vista como neutra, não possua uma carga de sentido. Bakhtin afirma que a palavra é neutra, porque recebe diferentes cargas significativas a cada momento de uso, podendo desempenhar qualquer função ideológica seja ela estética, científica, moral ou religiosa.

A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas concernentes à vida [...]. A língua, no seu uso prático, é inseparável de seu

conteúdo ideológico ou relativo à vida. (Bakhtin, 2009:99)

Essas ideias são muito importante para o que defendemos aqui, já que um elemento linguístico qualquer pode assumir diferentes significados ou evidenciar diferentes valorações e sentimentos, dependendo do contexto em que está inserido. Levando isso em consideração, percebemos que não é a sua morfologia ou o seu sentido dicionarizado que definirá o seu significado dentro de um texto. Bakhtin (2009:134) defende que "é impossível designar a significação de uma palavra isolada (...) sem fazer dela o elemento de um tema, isto é sem construir uma enunciação, um 'exemplo'." Dessa forma, nossa análise do item lexical é desde a perspectiva textual.

Halliday, como um teórico sistêmico-funcional, compreende a linguagem desde o seu potencial de significado e propõe a sua divisão em metafunções de acordo com os três tipos de significados realizáveis em determinados contextos social ou cultural. Os três significados da língua são o significado experiencial, o interpessoal e o textual. O primeiro diz respeito à experiência de mundo do falante/escritor, o segundo trata das questões de interação entre os indivíduos, já o último se refere à realização das escolhas que o indivíduo faz na organização e na construção da mensagem. Os três significados da língua estão diretamente relacionados com os elementos contextuais ou as variáveis de contexto de uso.

A linguagem é utilizada para expressar experiências, interagir com os outros, para organizar julgamentos e atitudes de forma coerente, ou seja, ela é utilizada de acordo com as necessidades do ser humano. Segundo Halliday (2004), há funções na linguagem que visam a atender a todas essas necessidades humanas, a essas funções ele chamou de metafunções e as dividiu em experiencial ou ideacional, interpessoal e textual. A metafunção ideacional ou experiencial corresponde à função que trata da expressão do mundo interno ou externo do falante, "é por meio dessa função que o falante e o ouvinte organizam e incorporam à língua sua experiência dos fenômenos do mundo real, o que inclui sua experiência dos fenômenos do mundo interno da própria consciência." (Neves, 1997:12,13). A metafunção textual diz respeito à organização textual e a todos os seus recursos linguísticos sejam eles orais ou escritos. A metafunção interpessoal se refere às relações sociais estabelecidas na comunicação, pois, trata das relações existentes entre falante e ouvinte. Através dessa metafunção podemos expressar o afastamento ou o distanciamento dos interlocutores, assim como a noção de poder ou de solidariedade existente entre eles. Ela é muito útil às ideias da Teoria da Avaliatividade, pois o sistema avaliativo foca nas relações interpessoais, quer dizer, no

modo como os autores se posicionam no texto produzido ou diante daqueles com os quais eles se comunicam

Dentro da perspectiva Sistêmico-Funcional, a linguagem seria um sistema de criação de significados que surgiriam de escolhas paradigmáticas feitas pelo falante ou escritor. Essa concepção de estudo da língua permite que identifiquemos as características vivas de uma sociedade assim como as ideologias e as emoções de um indivíduo, nela inserido, através da análise dos textos produzidos por ele. Dessa forma, ela permite identificar como o falante/escritor utiliza a língua e gera significado.

A teoria da Avaliatividade constitui-se como um modelo de análise que visa identificar por meio de elementos linguísticos as avaliações, julgamentos e emoções do enunciador, como veremos na próxima seção.

3. Teoria da avaliatividade

O modelo avaliativo se organiza por meio de um sistema geral composto por três subsistemas que, por sua vez, se desdobram em subcategorias. Os três subsistemas do modelo avaliativo são a Atitude, a Gradação e o Engajamento⁹, sendo os dois primeiros estudados por nós, uma vez que visamos comprovar a possibilidade de ocorrência da hibridização desses dois subsistemas através de um único item lexical.

3.1 Afeto

O subsistema Atitude tem como eixo central as emoções (positivas ou negativas) do produtor textual em um maior ou menor grau de intensidade, ainda que a atitude possa ser atribuída também a outra voz. Esse subsistema pode ocorrer de três formas diferentes de acordo com o que está sendo avaliado, a fonte ou o *target*. A Atitude se subdivide nas subcategorias Afeto, Julgamento e Apreciação e cada uma delas abrange outras três áreas semânticas: a emoção, a ética e a estética, respectivamente. A Figura 1 exemplifica cada uma dessas subdivisões e suas áreas semânticas, observemos:

⁹ Para mais informações sobre o subsistema Engajamento ler Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007)

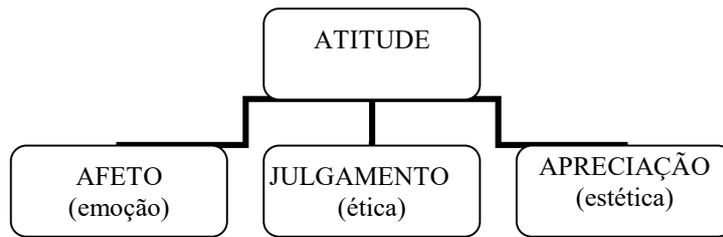


Figura 1: As subdivisões da Atitude

Fonte: Firmo (2014), p.38.

A Atitude pode ser expressa de forma explícita ou implícita no texto. Como o próprio nome indica, a avaliação explícita é aquela que é facilmente reconhecida pelo ouvinte/leitor, pois apresenta elementos linguísticos atitudinais, espalhados por todo o texto. As avaliações implícitas ocorrem de forma velada, somente com o olhar atento do indivíduo sobre o texto é que se pode observar a sua realização. Esse último tipo de avaliação atitudinal é muito importante na indução do leitor a compartilhar um sentimento ou uma avaliação, mas é de difícil identificação, já que se realiza por meio de um enriquecimento lexical, pelo uso de uma linguagem figurada ou pelo uso de uma simples menção diluída no texto. Martin (2000) chama essas avaliações implícitas de *tokens* de atitude.

Charaudeau (2010) trata da expressão da emoção ou da expressão patêmica no discurso e afirma que ela pode ser obtida tanto por um discurso explícito e direto, devido às palavras terem uma tonalidade patêmica, quanto por um discurso implícito e indireto, pois, apesar de uma aparente neutralidade de certas palavras, elas apresentam marcas patêmicas. No entanto, o autor advoga que

há palavras que descrevem de maneira transparente emoções como "cólera", "angústia", "horror", "indignação etc... mas sua aparição não significa nem que sujeito que as emprega as sinta como emoções (problema de autenticidade), nem que elas produzirão um efeito patêmico no interlocutor (problema de casualidade) . [...] (Charaudeau, 2010:37)

O Afeto trata da avaliação dos sentimentos e das atitudes de alguém. Esses sentimentos podem ser expressos como processos comportamentais ou como predisposição mental e relacional.¹⁰

¹⁰ Para mais informações ler Halliday & Matthiessen, 2006.

O Afeto pode se manifestar por meio dos mais variados recursos léxico-gramaticais tais como:

adjetivos (alunos *inquietos*);

advérbios (*Infelizmente*, eu perdi o grande amor da minha vida.),

processos mentais (Ela está *chorando*.)

estruturas mais amplas como sintagmas completos (Quando ela partiu, *uma lágrima caiu dos meus olhos*.)

Se levarmos em consideração que a abordagem do sistema avaliativo é estritamente semântica, não há como encerrar em padrões fixos as categorias de realização dos seus subsistema, uma vez que a língua é potencialmente significativa. É importante ainda destacarmos que a Atitude é gradual, ou seja, ela pode ser intensificada ou mitigada, dependendo de quão forte são os sentimentos expressados. Abordaremos essa questão mais detalhadamente na subseção Gradação.

A subcategoria Julgamento diz respeito às posições adotadas pelo falante/escritor em relação ao comportamento dos outros e, assim como o Afeto, pode ser positivo ou negativo, explícito ou implícito. Segundo Martin e Rose (2007), o Julgamento trata dos significados cujos alvos são seres conscientes (individuais ou coletivos) ou instituições e a forma como eles se comportam; suas atitudes, ações, caráter, reações são avaliados seguindo critérios éticos, morais ou legais. A maneira como o falante/escritor entende o mundo, assim como suas crenças e ideologias interferem nos seus julgamentos, por isso um mesmo referente pode ter avaliações diferentes dependendo da perspectiva ideológica adotada. As avaliações são feitas com base na moralidade, legalidade, capacidade, normalidade e segundo a cultura na qual cada falante/escritor está inserido. Essa concepção de que valores culturais e sociais interferem no saber do indivíduo também é defendida por Charaudeau (2010).

Ao julgarmos o comportamento de alguém, estamos marcando uma aceitabilidade ou não desse comportamento. A aceitabilidade ou não do comportamento alheio está relacionada às questões de Estima Social e de Sanção Social, por isso os julgamentos são classificados de acordo com essas duas questões. Os julgamentos relacionados à Estima Social tratam dos valores sociais, compartilhados com a família, amigos ou conhecidos e apresentam marcas de admiração ou de crítica pessoal. Nesse âmbito, os julgamentos tendem a ser observados por uma ótica cultural, através de boatos, fofocas, entre outros. Os julgamentos referentes à Sanção Social tratam de questões relacionadas à legalidade e à moralidade, ou seja, abordam aspectos ligados à

ética, à honra e à religiosidade. Nessa perspectiva, o comportamento de alguém é avaliado seguindo as normas do Estado ou da Igreja. As questões que envolvem a quebra de um padrão social, no âmbito religioso, são tratadas como pecado; já as voltadas para a área jurídica são tratadas como crimes. As quebras de sanções são passíveis de punições religiosas ou legais, por isso o uso do termo sanção.

A *Apreciação*, segundo Martin e White (2005), é a subcategoria pela qual se fazem valorações, desde o ponto de vista da estética, sobre determinados produtos, objetos, processos ou elementos naturais. A *Apreciação* difere do *Julgamento* porque este valora o comportamento de um ser consciente enquanto aquela não. No entanto, uma pessoa também pode ser alvo de *Apreciação* desde que esteja sendo avaliada a partir de uma perspectiva estética.

A *Apreciação* se subdivide em três tipos de avaliações: as que se referem à maneira de como reagirmos às coisas; as que tratam do quanto elas chamam nossa atenção ou do quanto elas nos agradam e, por fim, as avaliações que remetem à composição (equilíbrio e complexidade) e ao seu valor. Como dito anteriormente, a *Atitude* é gradual, por isso vamos continuar nossas considerações sobre o Sistema Avaliativo acerca do subsistema *Gradação*.

3.2 Gradação

A *Gradação* é o subsistema pelo qual se expressa uma maior ou menor intensificação das emoções e dos julgamentos do falante/escritor e que pode ser aplicado aos subsistemas *Atitude* e *Engajamento*. Em relação à *Gradação* no subsistema *Atitude*, podemos expressar a intensidade de como nos sentimos em relação a algo ou alguém, sendo que algumas escolhas linguísticas tendem a graduar para mais ou para menos determinadas avaliações. Martin e Rose (2007) chamam de "turning the volume up" e "turning the volume down" a maximização e a minimização das valorações, respectivamente, expressa pela *Gradação*.

Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007) explicam que a *Gradação* possui dois eixos: a *Força* e o *Foco*. O *Foco* se refere às categorias que não são passíveis de graduação e trata da classificação prototípica dos seres e dos comportamentos, ele pode maximizar ou suavizar categorias semanticamente não graduadas através de locuções

acentuativas como "de verdade", "legítimo", "genuíno" e "mesmo". Outras locuções podem atenuar o foco tais como "uma espécie de", "um(a) certo (a)", "suposto" etc. Em nosso trabalho abordarmos somente a categoria Força.

A Força se refere à gradação de elementos léxico-gramaticais pertencentes a uma determinada escala gradual. Nessa escala estariam termos linguísticos que contrastam em grau de intensidade com outros membros da sequência. Os elementos linguísticos estariam dispostos em uma ordem que vai de um nível mais baixo para um nível mais alto e se realizariam por meio de itens lexicais que denotam intensificação ou quantificação.

Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007) apresentam dois tipos possíveis de intensificação. O primeiro se refere à intensificação para mais ou para menos. Nesse tipo de intensificação estão as palavras com significado intensificador. Em língua portuguesa, podemos apontar o uso dos advérbios como intensificadores. Bechara (2009) nomeia esses elementos como advérbios com intensificação gradual, se enquadram nessa condição sobretudo os advérbios que são classificados pela gramática normativa como advérbios de modo, já que podem expressar uma relação intensificadora gradual, quando utilizados no comparativo e superlativo, da mesma forma que os adjetivos.

O autor aponta a existência do uso de palavras no diminutivo com valor de superlativo como no caso de expressões como "andar devagarzinho". Comumente o sufixo -zinho é empregado como indicativo de diminutivo, mas nem sempre ele indica uma redução da força apreciativa. Quando esse sufixo é acrescido à forma devagar, formando a palavra "devagarzinho" em "andar devagarzinho" significa que o andar de alguém é muito devagar, portanto, há uma intensificação da avaliação do modo de andar desse alguém. Nesse caso, podemos afirmar que um único item lexical "devagarzinho" expressa uma avaliação por Apreciação, através do uso do nome "devagar", e uma intensificação por meio do acréscimo do sufixo -zinho à palavra "devagar", sendo um caso do que estamos propondo chamar de hibridização de subsistemas avaliativos. Os casos de hibridização serão melhor explorados na próxima seção.

3.3 Hibridização de subsistemas

A hibridização consiste na realização de subsistemas ou de subcategorias avaliativas pelo processo de fusão. Martin e White (2005, p.58) advogam que as fronteiras entre determinadas subcategorias do sistema avaliativo, como as fronteiras entre Julgamento e Apreciação, são tênues. Elas são consideradas tênues, visto que podem ocorrer casos de enunciados que apresentam a subcategoria Apreciação de forma explícita e a subcategoria Julgamento de forma implícita ou *vice-versa*.¹¹

Martin e White (2005) não utilizam o termo hibridização entre subsistemas, mas fazem referência ao processo de fusão de subsistema. Os autores advogam que o processo de Gradação na subcategoria Força pode ocorrer por quantificação, através de um processo de fusão, quando envolver realizações metafóricas de quantificação. Objetivando exemplificar e melhor explicar o que afirmamos, observemos o exemplo abaixo:

1 A professora passou uma **montanha** de tarefas.

As tarefas são avaliadas quantitativamente através da metáfora expressa pelo uso do item lexical "montanha". A quantidade de tarefas ganha uma maior força quando comparada a uma montanha, porque indica que a professora passou muitas tarefas. Os autores consideram que esse tipo de realização quantitativa, expressa em (1), não indica a ocorrência do subsistema Gradação por isolamento, já que a quantidade não é expressa por um elemento modificador, mas sim por um substantivo núcleo do sintagma nominal. Segundo Martin e Rose (2007) *apud* Collins Cobuild (1998), muitos intensificadores envolvem traços atitudinais. Como exemplo, podemos citar:

2 O namorado da minha amiga é **perigosamente atraente**.

Nesse enunciado, temos um Julgamento positivo por Capacidade do aspecto físico do homem em questão, que é avaliado como "atraente". Acrescido a essa informação e aumentando a força avaliativa do termo "atraente", temos o uso do advérbio "perigosamente". Bechara (2009) afirma que os advérbios podem indicar uma avaliação e uma intensificação simultaneamente. A escolha pela combinação dos itens

¹¹ Ler Martin e White (2005) para mais explicações.

lexicais "perigosamente atraente", indica uma avaliação acentuada da beleza do indivíduo. Esse Julgamento está baseado em normas sociais que condenam o indivíduo que possa ter algum tipo de interesse amoroso no cônjuge de um(a) amigo(a), já que nomeia essa atração como "perigosa". Martin e Rose (2007) falam da existência de palavras graduais com insinuações atitudinais, ou seja, eles apontam a existência de traços sobrepostos dos subsistemas Atitude e Gradação. Isso é o que nós denominamos de hibridização de subsistemas. Em (2) temos um exemplo de hibridização entre Atitude e Gradação expresso no uso do item lexical "perigosamente".

4 Metodologia

Este artigo é apenas um recorte de uma pesquisa apresentada em Firmo (2014). A coleta e seleção dos dados gerais ocorreram da seguinte forma: primeiro, acessamos o portal das *Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*, em seguida, selecionamos os 38 textos finalistas, representantes do gênero Memórias Literárias. Após a seleção do *corpus*, o analisamos a fim de que encontrássemos marcas linguísticas de realização dos subsistemas Atitude e Gradação. Inicialmente, esses subsistemas foram tratados de forma isolada. Somente após a identificação de sua realização nos textos é que partimos para a observação de possíveis realizações de hibridização entre eles.

A fim de que pudéssemos visualizar mais facilmente a ocorrência dos elementos atitudinais e graduais nos textos analisados, elaboramos uma codificação com marcas para cada realização das subcategorias de cada subsistema. A legenda de codificação de marcas pode ser descrita da seguinte forma: **HIBRIDISMO** (Maiúscula e em negrito), Afeto (Sublinhado), *Gradação por Força* (Itálico e negrito), *Apreciação* (Itálico e Sublinhado) e **Julgamento** (Negrito). A fim de facilitar a localização dos dados no *corpus* e evitar a reescrita de todo o título do texto a cada referência feita a eles, optamos por codificar os nossos dados. A codificação é formada por códigos que variam de 4 a 7 elementos. O primeiro elemento de todos os dados do *corpus* é representado por um **T**, simbolizando texto; o segundo elemento é um número, que varia de 1 a 30 devido a posição do texto dentro do *corpus*, seguindo a ordem em que se encontra o texto no portal das *Olimpíadas de Língua Portuguesa*; do terceiro elemento

do código ao último temos a representação por letras das iniciais do título do texto analisado.

5 Análise do *corpus*

Observando o *corpus*, percebemos que eles apresentam a mesma estrutura composicional: apresentação, corpo e fechamento. Além disso, eles apresentam os elementos essenciais da tipologia narrativa, predominante no gênero Memórias Literárias, que são personagens, tempo, espaço, narrador e enredo. Isso ocorre porque há uma orientação da OLPEF para a escrita desse gênero. No início de cada texto do *corpus* há a apresentação onde o autor coloca o que vai ser relatado, situando o leitor no espaço e no tempo das memórias. Dessa forma, alguns apresentam desde o início marcas dos subsistemas Atitude e Gradação, já que a intenção do autor é dividir com o leitor seus sentimentos e impressões.

Levando em consideração o aporte teórico aqui apresentado, a gradação das emoções ou dos julgamentos ocorre por lexicalização quando há a intensificação ou redução da emoção ou da avaliação por meio de um item que pode ser disposto em uma escala gradual de intensidade. Os casos em que o significado atitudinal é somado à intensificação ou redução exemplificam a fusão atitudinal e gradual, quer dizer, exemplificam uma hibridização desses subsistemas. A fim de explicitarmos melhor essa nossa constatação, observemos os exemplos abaixo:

T1AVV

Há alguns dias durante a madrugada, ouvi um **ENORME** barulho na porta de casa.

No exemplo **T1AVV**, percebemos a realização de uma avaliação do barulho que vinha da porta da casa do narrador, o barulho é avaliado quanto a sua composição através da subcategoria Apreciação por Composição como "enorme". O item lexical "enorme" pode ser disposto em uma escala gradual de intensidade em cuja extremidade de menor grau estaria a palavra "grande" e na outra, mais intensa, a palavra "enorme". Objetivando melhor compreender a disposição gradual da palavra "enorme", apresentamos a Figura 2:

íssimo. Acreditamos que o uso da forma sintética possibilita ao autor economizar na escrita das palavras, mas sem perder a intensidade de suas avaliações. No mesmo trecho, encontramos o uso de uma Gradação por isolamento em "muito pequeno" e em "a mais incrível aventura".

Apreciemos o exemplo **T10DRA**, que também apresenta uma expressão coloquial como realização da hibridização:

T10DRA

Conseguimos enfim nos salvar daquela seca **MEDONHA** e nos casar quando a chuva chegou.

Em **T10DRA**, o adjetivo "medonha" evidencia o uso de uma expressão coloquial avaliativa muito comum na região Nordeste do Brasil. O trecho em análise é de uma produção que trata da vida de retirantes do Nordeste, então justifica-se o uso dessa expressão coloquial no texto. Esse termo é utilizado para expressar exagero, como podemos observar no exemplo supracitado. Um ser não consciente, a seca, é avaliado como "medonha" o que implica em dizer que o narrador considera que a seca era intensa, exagerada, grande ou demais. Em vista disso, podemos afirmar que a seca é avaliada segundo o subsistema Avaliação por Reação, e tem sua força avaliativa aumentada, já que a própria expressão indica algo intenso, em um exemplo de fusão de subsistemas através do item lexical "medonha".

Em **T13EDMI**, encontramos um exemplo de expressão idiomática, vejamos:

T13EDMI

Em noite de lua cheia meus amigos e eu brincávamos na bagaceira da cana, que mais parecia um *escorregador*, no qual rolávamos de cima a baixo, num sobe e desce **DE FAZER GOSTO!**

Quando analisada de forma separada, as palavras da expressão "de fazer gosto" parecem improváveis de terem o mesmo sentido quando vistas em conjunto. O narrador utiliza esse recurso na avaliação do processo material "rolar " e mostra traços afetivos mas, ao mesmo tempo, intensificatórios, pois o processo é entendido como prazeroso e repetitivo para o autor. Por essa razão, afirmamos que a expressão "de fazer gosto" encerra uma avaliação positiva, mostra do subsistema Atitude por Afeto, intensificada pelo subsistema Gradação

Como o gênero é um gênero intimista e confessional, o narrador tende a tornar os fatos narrados o mais reais possíveis, em uma tentativa de aproximar o leitor daquilo que é rememorado, das suas emoções e impressões. Portanto, é comum o emprego de elementos da fala popular, objetivando dar uma maior veracidade ao relato. Atentemos para o excerto abaixo:

T5BLUF

[...] Fazíamos bonecos de neve com nariz de cenoura, braços de galhos *secos* e uma panela *velha* como chapéu. Foi a nossa *maior diversão*.

Contrastando com a neve, estava o marrom **CARNADO** do pinhão no chão. Pinhão tinha *bastante!* Por isso era pinhão no almoço, na janta... [...]

O exemplo **T5BLUF** apresenta uma avaliação quanto à cor do pinhão que estava no chão através do uso do adjetivo, de uso coloquial, "carnado". Essa expressão surge da apócope do adjetivo encarnado (= cor de carne) e indica uma cor vermelho intenso ou muito vermelho. Nesse fragmento, temos um exemplo de fusão de subsistemas, pois percebemos uma avaliação, através do subsistema *Apreciação por Composição*, intensificada. O autor optou por não fazer a graduação da cor por um processo de isolamento através das formas "muito vermelho" ou "vermelho intenso", gerando assim uma forma híbrida. Por essa razão, afirmamos que determinadas expressões coloquiais podem ser uma das opções para a manifestação dos subsistemas atitudinais e graduais.

Por fim, observamos que alguns advérbios ou itens gramaticais são elementos pelos quais a hibridização se manifesta. Vejamos os exemplos a seguir:

T15GCLBS

A chuva caía **VAGAROSAMENTE** e *num passe de mágica* transformava-se numa cachoeira em gotas.

O exemplo **T15GCLBS** apresenta uma avaliação explícita do processo material "caía" manifestada através do uso do advérbio "vagarosamente". Percebemos uma avaliação do cair da chuva, através do subsistema *Apreciação por Composição*. Assim como afirmamos anteriormente, os advérbios podem indicar tanto uma avaliação quanto uma intensificação, por isso o item gramatical "vagarosamente", além de indicar o modo como acontece o processo, aponta uma intensificação. Os advérbios tem a capacidade de aumentar ou reduzir a força avaliativa ou emotiva de verbos e adjetivos. Pensamos

dessa forma, porque compreendemos que o item "vagarosamente" aumenta a força avaliativa do processo material, ou seja, entendemos que o cair da chuva ocorre de forma muito lenta. Sendo assim, o item gramatical "vagarosamente" é uma forma de realização híbrida dos subsistemas Atitude (Apreciação por Composição) e Gradação.

Encerrando... pelo menos, por enquanto

Após a análise do *corpus*, comprovamos que a hibridização dos subsistemas atitudinais e graduais acontece por meio de um único item lexical. O processo de fusão desses subsistemas se dá por lexicalização, pelo uso de sufixos, expressões idiomáticas, expressões coloquiais e de advérbios, classificados pela gramática normativa como de modo. O que influencia a escolha do autor por uma forma híbrida em detrimento de uma forma atitudinal/gradual em processo de isolamento é a intenção comunicativa do autor assim como a sua preocupação com os aspectos formais da língua. Observamos que em trechos onde o autor optava pelo uso de várias formas graduais/atitudinais por isolamento, ele tendia a lançar mão de formas híbridas para que não houvesse a repetição de uma estrutura na escrita e, por conseguinte, não tornasse a leitura enfadonha e pouco atrativa. Por essa razão, afirmamos que a preocupação estrutural do autor com a língua influencia no uso da hibridização avaliativa. A preocupação do autor com as questões estruturais da língua se justifica pelo caráter competitivo do texto, visto que é produzido para a OLPEF, um concurso nacional que avalia a escrita de alunos da escola pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aulete, Caldas. 2004. *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bakhtin, Mikhail . 2009. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 14ªed. São Paulo: Hucitec.

_____. 2011. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes.

Bechara, Evanildo . 2009. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Atualizada pelo Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Lucerna.

Cabral, Sara. 2007. *A mídia e o presidente: um julgamento com base na teoria da valoração*. 2007. 249 f. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

Charaudeau, Patrick. 2011. Las emociones como efectos de discurso. In: *Revista Versión*, nº26, junio 2011, La experiencia emocional y sus razones, pp.97-118, UAM, México,

Collins, Cobuild. 1998. *Grammar Patterns 2: Nouns and Adjectives*. London: Harper Collins.

Cruz, Osilene. 2012. *A Avaliatividade em pareceres de revista científica de Linguística: uma perspectiva sistêmico- funcional*. 2012. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudo da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Firmo, Angelane. 2014. *A hibridização dos subsistemas atitude e gradação no gênero memórias literárias*. 2014.117 f. Dissertação(mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza.

Halliday, Michael. 2004. *An introduction to Functional Grammar*. Revisão de Christian M. I. M. Matthiessen. 3ª ed. London: Edward Arnold.

Halliday, Michael e Matthiessen, Christian. 2006. *Construing Experience Through meaning: a language based approach to cognition*. London: Continuum.

Jornada, Daniela. 2009. *Avaliatividade: estratégia discursiva na representação de atores sociais*. 2009, 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

Martin, James. 2000. Beyond Exchange: APPRAISAL Systems in English. In: *Evaluation in Text*, Hunston, S. & Thompson, G. (eds), Oxford, Oxford University Press.

Martin, James; White, Peter. 2005. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan.

Martin, James.; Rose, David. 2007. *Working with Discourse. Meaning beyond the clause*. 2. ed. London: Continuum.

Neves, Maria Helena de Moura. 1997. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.

Sobhie, Mauro. 2008. *Análise comparativa de avaliação em press releases e notícia*, 2008. 208 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudo da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Werber, Andréa. 2007. *Um agricultor exemplar: Linguagem avaliativa no gênero história de vida*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.